

# Avaliação da inteligência: revisão de literatura de 2005 a 2014

Iraí Cristina Boccato Alves<sup>1</sup>, Helena Rinaldi Rosa

LITEP – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil

Marlene Alves da Silva

UNIGRAD – Pós-graduação e Extensão e Clínica Fênix, Vitória da Conquista-BA, Brasil

Luís Sérgio Sardinha

Universidade do Grande ABC, São Paulo-SP, Brasil e Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes-SP, Brasil

## RESUMO

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma revisão da literatura brasileira sobre a avaliação da inteligência entre 2005 e 2014, pela consulta à base de dados SciELO e PePSIC, com a palavra-chave “avaliação da inteligência”. Dos 208 artigos obtidos, foram selecionados 72, que abordavam pesquisas empíricas com testes de inteligência, para determinar quais testes foram estudados, objetivos dos trabalhos, amostras empregadas e tipo de estudo. Os resultados apontaram 26 diferentes testes, com uma frequência total de 96, pois em muitas pesquisas foi aplicado mais de um teste. A maior parte dos artigos usou as escalas Wechsler e as Matrizes Progressivas de Raven. Também foram estudados testes novos ou em construção. As amostras mais frequentes foram as crianças e predominaram os estudos psicométricos sobre os testes e com diversos tipos de amostras clínicas. Assim foi apresentado um panorama das pesquisas, para auxiliar na sistematização do conhecimento sobre a avaliação da inteligência.

*Palavras-chave:* inteligência, revisão da literatura, avaliação psicológica.

## ABSTRACT – Intelligence assessment: Literature review between 2005 to 2014

This investigation intended to present a review of Brazilian literature addressing intelligence assessment from 2005 to 2014, using as the search terms “intelligence assessment” and consulting the SciELO and PePSIC databases. From the 208 articles initially obtained, the 72 selected articles presented empirical research of intelligence tests. The objectives were to determine which tests were studied and to define research objectives, samples used, and research types. Results identified 26 different tests studied with a total frequency of 96, as several studies applied more than one test. The Wechsler Scale and Raven’s Progressive Matrices were the tests most frequently applied. New tests and tests under construction were also studied. Children constituted the most frequent samples, and psychometric studies on the tests the most prevalent, as well as studies with diverse types of clinical samples. Thus, a panorama of research was presented, in order to support the systematization of knowledge about intelligence assessment.

*Keywords:* intelligence, literature review, psychological evaluation.

## RESUMEN – Evaluación de la inteligencia: revisión de literatura de 2005 a 2014

El objetivo de este estudio fue presentar una revisión de la literatura brasileña sobre la evaluación de la inteligencia entre 2005 y 2014, consultando las bases de datos SciELO y PePSIC con la palabra clave “evaluación de la inteligencia”. De los 208 artículos obtenidos, fueron seleccionados 72 que abordaban investigaciones empíricas con tests de inteligencia, con el interés de determinar cuáles fueron estudiados, objetivos de los trabajos, muestras empleadas y tipo de estudio. Los resultados indicaron 26 tests diferentes, con una frecuencia total de 96, porque en muchas investigaciones fue aplicado más de un test. La mayor parte de los artículos usaron las escalas Wechsler y las Matrizes Progresivas de Raven. También fueron estudiados tests nuevos o en construcción. Las muestras más frecuentes fueron los niños y predominaron los estudios psicométricos sobre los tests y con diversos tipos de muestras clínicas. De esa forma, se presentó un panorama de las investigaciones para auxiliar en la sistematización del conocimiento sobre la evaluación de la inteligencia.

*Palabras clave:* inteligencia, revisión de literatura, evaluación psicológica.

O tema Inteligência é um dos mais pesquisados na literatura psicológica e, mesmo antes do nascimento da Psicologia Científica, vários filósofos e pesquisadores já questionavam a sua definição, a sua avaliação e as razões das diferenças entre as pessoas (Almeida, Guisande &

Ferreira, 2009; Almeida & Primi, 2009). Na ciência psicológica, o primeiro conceito de inteligência foi definido por Galton, em 1869, como *força ou poder mental*, portanto determinada biologicamente, reportando à estrutura fisiológica do cérebro. Sua medida era por meio das

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Instituto de Psicologia – USP, Avenida Professor Mello Moraes, 1721, 05508-030, São Paulo-SP. Tel.: (11) 2648-0214. E-mails: iraicba@usp.br, hrinaldi@usp.br, alvesmarlene2002@yahoo.com.br, sergiolss@ymail.com

diferenças individuais em habilidades como discriminação visual e auditiva, tempo de reação e força (Brody, 2000; Galton, 1886). Posteriormente, foi definida por Spearman (1904), como a *capacidade de apreender relações*, em que os fatores biológicos são influenciados pelos fatores sociais, culturais e econômicos e que pode ser avaliada por provas de raciocínio analógico (Raven, Court & Raven, 1985).

Outras definições e teorias foram surgindo. As teorias mais clássicas e estudadas são: a abordagem psicométrica, a desenvolvimental e a cognitivista, entretanto, existem teorias mais recentes e consideradas mais abrangentes, que serão discutidas a seguir. A abordagem psicométrica tem como foco as aptidões ou traços estruturais e a sua medida pode ser avaliada por um único ou vários fatores (Alves, Schelini, Nascimento & Domingues, 2010). Na teoria desenvolvimental são considerados os estádios ou estágios que a inteligência vai assumindo no decorrer do desenvolvimento humano, principalmente na infância e na adolescência, sua avaliação é realizada por provas apropriadas para cada fase (Piaget, 1999).

Já a teoria cognitivista se preocupa com os processos implicados na codificação da informação e elaboração de uma resposta, ou seja, nas estratégias e nos elementos funcionais e operativos dos componentes que descrevem o pensamento, a cognição e a resolução de problemas. Ainda, outras teorias defendem a inteligência emocional, proposta por Goleman e definida por Mayer e Salovey (1993), como a capacidade para monitorar emoções pessoais e interpessoais para a orientação dos pensamentos e ações; e a inteligência social, que valoriza os conhecimentos e os domínios de experiências específicas que, segundo Sternberg e Horvath (1999), se associam a um conhecimento mais declarativo e procedimental na área social e não acadêmica. Para essas abordagens já existem instrumentos de medida informatizados, monitorados e na forma tradicional de lápis e papel.

Essa diversidade de teorias explicativas para a inteligência e a falta de consenso sobre a sua conceituação têm despertado cada vez mais o interesse dos estudiosos da área (Flores-Mendoza & Nascimento, 2001, Alves, 2009). Entretanto, é possível observar algumas convergências de metodologias de análises sobre a natureza genética ou cultural do conceito inteligência, bem como da interação entre esses dois fatores. Como exemplo, uma tentativa de conciliação das teorias foi o surgimento da teoria CHC (Cattell-Horn-Carroll), em que o conceito de inteligência fluida e cristalizada foi introduzido e defendido inicialmente por Cattell e, posteriormente, por Horn e Carroll, incorporando nove habilidades específicas, a saber: inteligência fluida e cristalizada, visual, auditiva, recuperação a curto prazo, recuperação a longo prazo, velocidade de processamento e de decisão, bem como conhecimento quantitativo, comportamentos relacionados à leitura e escrita (Horn & Noll, 1997;

McGrew, 1997). Essa junção dos três modelos originou a busca do desenvolvimento de baterias mais adequadas a esse modelo teórico (Almeida et al., 2009; Carroll, 1997; Chiodi & Wechsler, 2009; Horn & Noll, 1997; McGrew, 1997), bem como os estudos com a Bateria Woodcock Johnson Revisada (Schelini, 2006).

Testes psicológicos de inteligência têm sido utilizados no processo de avaliação psicológica em diversas áreas, como na área educacional para avaliação e acompanhamento de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, deficiência intelectual ou superdotação; na área do trabalho, nos processos seletivos e de orientação e reorientação profissional; na área clínica, na saúde pública e privada e na jurídica, que buscam apoio em resultados de testes psicológicos para a tomada de decisão e a resolução de conflitos.

Com o objetivo de mapear aspectos relevantes da produção científica brasileira sobre avaliação da inteligência, Campos e Nakano (2012) investigaram a produção científica sobre a avaliação da inteligência no período de 2000 a 2010, com a palavra chave “inteligência”, na qual abordaram 263 trabalhos, sendo 188 com delineamento empírico, e que utilizavam o modelo psicométrico.

Já Joly, Berberian e Teixeira (2010) fizeram uma análise da produção científica de teses e dissertações sobre avaliação psicológica no Brasil, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde do Brasil (Bvs-Psi Brasil) e encontraram 141 trabalhos referentes a estudos, que tinham “avaliação psicológica”, “psicometria”, “validade”, “precisão” e “testes psicológicos” como palavras-chave. Verificaram que 60,3% tinham por objetivo buscar parâmetros psicométricos e que os construtos mais estudados foram a personalidade e a inteligência.

No plano internacional, Almeida et al. (2009) fizeram uma pesquisa em 2008 na base de dados PsycINFO, da Associação Americana de Psicologia, com as palavras “*intelligence*”, “*intellectual*” ou “*ability*”, tendo obtido 32.758 artigos, o que levou os autores a afirmarem que é o tema mais estudado na Psicologia. Em comparação ao panorama mundial, a publicação brasileira é reduzida, entretanto ocorreu um aumento considerável das publicações relacionadas à construção de testes psicológicos.

Estudos do tipo revisão de literatura são importantes, pois oferecem a avaliação sobre o material já publicado, considerado para o esclarecimento de um problema, resumem as investigações anteriores sobre o estado da arte, identificam relações, contradições, lacunas que necessitam de maiores investigações e inconsistências na literatura, além disso, sugerem novos passos para a resolução do problema (APA, 2012; Witter, 1999). A esse respeito, Witter (1999) afirma que a análise da produção científica de um período pode aquilatar a profundidade e a amplitude do conhecimento disponível sobre determinado tema, bem como ter uma perspectiva do que precisa ser pesquisado.

O objetivo deste artigo foi apresentar uma revisão da literatura produzida nos últimos 10 anos, no período entre 2005 e 2014, a respeito da avaliação da inteligência, possibilitando o mapeamento do conhecimento sobre o tema, e sugerir pontos a serem ainda estudados no futuro. Entre os diversos aspectos relativos à avaliação da inteligência, este artigo vai focalizar os estudos brasileiros realizados sobre testes de inteligência, para determinar que testes foram investigados, quais amostras empregaram e que tipo de estudo foi idealizado.

### Método

Foi realizada uma revisão da literatura científica, utilizando os critérios indicados por Mendes, Silveira & Galvão, 2008, que propõem como método a busca, seleção, análise e descrição da produção científica de um determinado tema ou área de forma integrada e crítica, assim como, a apresentação das lacunas e possibilidades de novas pesquisas. Esse tipo de estudo pode ser realizado na forma de categorização ou na forma de análise crítica e os procedimentos adotados nesta revisão foram: (a) identificação do tema e da questão norteadora; (b) escolha de descritores a serem utilizados na pesquisa; (c) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão; (c) categorização dos estudos; (d) avaliação das pesquisas; (e) interpretação dos resultados; (f) síntese do conhecimento.

Nesta pesquisa foi feita uma busca nas bases de dados eletrônicas: SciELO e PePSIC com a palavra chave “avaliação da inteligência”, por abrangerem mais publicações que outros termos, como testes psicológicos ou testes de inteligência. Essas bases foram escolhidas por serem bases eletrônicas de periódicos brasileiros.

### Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão estabelecidos para esse estudo foram (a) artigos indexados; (b) publicações nacionais; (c) publicados no período de 2005 a 2014; (d) estudos de

delineamento empírico, que utilizaram testes psicológicos para avaliação da inteligência. Já os critérios de exclusão foram: (a) temática central que não contemplava o objetivo da pesquisa; (b) artigos publicados no período anterior a 2005 e posterior a 2014; (c) artigos com dupla indexação e (d) estudos teóricos ou que focalizavam temáticas não relacionadas à avaliação da inteligência. A questão norteadora foi: Qual o panorama brasileiro atual das pesquisas empíricas sobre avaliação da inteligência?

A consulta às duas bases de dados foi realizada em agosto/2015, tendo sido localizados 208 artigos, 84 no PePSIC e 124 no SciELO. Em função do grande número de artigos encontrados, este trabalho se restringiu apenas a essas duas bases de dados.

A partir dos critérios de inclusão e exclusão, dos 208 artigos localizados inicialmente, foram excluídos 52, que estavam fora do período estabelecido para a pesquisa (49 publicações anteriores e três posteriores). Entre os excluídos, o mais antigo foi publicado em 1979. Foi observado um aumento na produção científica na última década, o que justifica a presente revisão. Foram excluídos, ainda, 84 artigos, que estudavam a inteligência na perspectiva de outras áreas (5), como, por exemplo, tecnologia da informação, finanças ou esportes; os com dupla indexação nas bases de dados (53) e 26 que não tratavam de pesquisas empíricas (teóricos, de revisões e levantamentos, históricos ou resenhas). Assim como verificado por Campos e Nakano (2012), a maioria das pesquisas foi de delineamento empírico. Ao considerar apenas os artigos que empregaram testes de inteligência, em pesquisas empíricas, foram selecionados 72 artigos, que foram analisados segundo os testes usados, os seus objetivos e as amostras empregadas. A Figura 1 mostra a frequência dos artigos selecionados por ano.

A Figura 1 mostra a variação da produção anual no período, sendo a média por ano de 7,2. Assim, observa-se uma tendência de aumento da produção, mas com certa irregularidade.

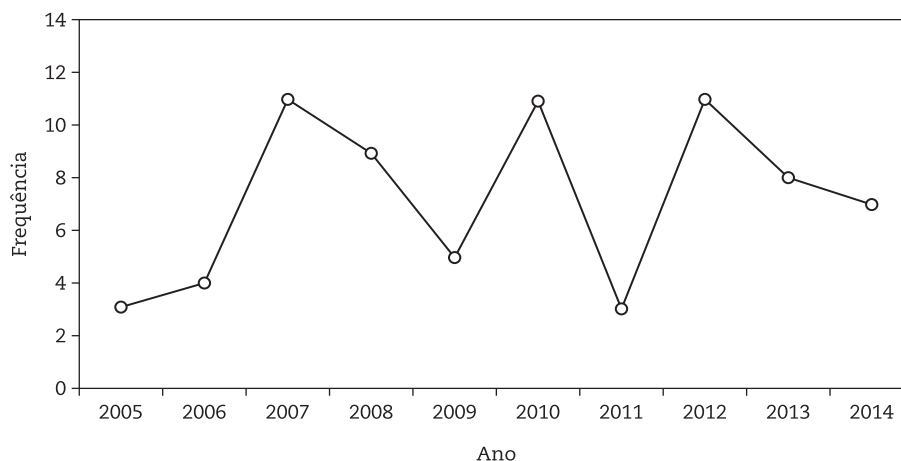


Figura 1. Frequência dos 72 artigos selecionados, por ano no período

## Resultados e Discussão

Após busca na base de dados, seleção, leitura e sistematização dos artigos foram calculadas as frequências absoluta e percentual dos testes de inteligência utilizados nas pesquisas, cuja distribuição é apresentada na Tabela 1.

O total de testes (96) é maior do que o de artigos (72), porque em alguns foram usados vários testes de inteligência. Segundo a Tabela 1, o teste com maior número de pesquisas foi o WISC-III, seguido pelo Raven, nas

suas diversas escalas. A frequência total de estudos com as diferentes formas das Escalas Wechsler foi 33, o que representa 34,3% do total de testes. A maioria utilizou a Escala de Inteligência Wechsler para Crianças (WISC ou suas revisões), no total de 23, sendo que três empregaram o WISC-IV, incluindo os estudos de evidências de validade para a população brasileira. Apenas um trabalho utilizou a escala WASI e outro, o WPPSI-R. No entanto, com o WAIS-III foram publicados cinco artigos e três com outras versões do WAIS.

Tabela 1  
Distribuição de Frequência dos Testes Estudados

Testes	n	%
WISC-III	19	19,8
Raven	14	14,6
WAIS-III/outro	8	8,3
WJ-III	6	6,2
DFH (variações)	6	6,2
Colúmbia	5	5,2
R-1	4	4,2
BPR-5	4	4,2
WISC-IV	3	3,1
R-2	3	3,1
TONI-3	3	3,1
RIn	3	3,1
G-36	2	2,1
R-1 Forma B	2	2,1
BMI	2	2,1
Conj. Inteligência fluida	2	2,1
TCR	2	2,1
SAC	1	1,0
WISC	1	1,0
WASI	1	1,0
WPPSI-R	1	1,0
Beta-III	1	1,0
SON-R 2½-7(a)	1	1,0
Leiter-R	1	1,0
META-FII	1	1,0
BPRI	1	1,0
Total	96	

Os testes psicológicos, que avaliam inteligência a partir do fator g, representaram 34,3% do total, ou seja, 33 estudos empregaram os testes Raven, R-1, R-2, G-36, TONI-3, BPR-5 (Bateria de Provas de Raciocínio), RIn (Teste Inferencial de Raciocínio) e TCR (Teste Conciso de Raciocínio). As Matrizes Progressivas de Raven, em suas três formas, se destacam, mostrando a utilidade da teoria bifatorial de Spearman (1904, 1927), na prática da avaliação da inteligência no Brasil. Como pode ser visto, as escalas Wechsler, (compostas por múltiplas provas) e

os testes de inteligência com uma única prova, com exceção da BPR-5 tiveram igual frequência nos artigos.

Ademais, foram encontradas pesquisas com as baterias mais recentes, como a Bateria Woodcock Johnson-III (WJ-III) e a Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil (BMI), baseadas na teoria CHC. Nestas pesquisas a avaliação da inteligência foi complementada ou complementou outras avaliações (neuropsicológicas, fonoaudiológicas, de coordenação visomotora, de atenção, de memória, etc.).

Também estão entre os testes mais estudados para crianças o Desenho da Figura Humana para avaliação intelectual, embora avaliado por escalas diferentes (DFH-III, Goodenough-Harris e Koppitz) e a Escala de Maturidade Mental Colúmbia (CMMS), investigados respectivamente em seis e cinco artigos.

No tocante aos grupos investigados, para a classificação das amostras, foi considerada para as crianças a faixa etária entre zero e 12 anos, os adolescentes de 13 a 18 anos, os adultos de 19 a 59 anos e os idosos de 60 anos ou mais, semelhante ao critério empregado na revisão de literatura de Campos e Nakano (2012), em que a faixa de adultos foi subdividida em jovens (19 a 25 anos) e em adultos (26 a 59 anos). O total geral é maior que o número de pesquisas, porque em vários estudos os participantes eram de mais de uma dessas categorias. Crianças e adolescentes foram os mais estudados em 49 artigos, seguidos por 27 com adolescentes, 22 com adultos e apenas dois estudos com os idosos. Este dado difere dos resultados de Campos e Nakano (2012), que constataram distribuição equilibrada entre crianças, adolescentes e adultos, e se aproxima dos

dados de Almeida, Lemos, Guisande e Primi (2008), que informaram que os estudos sobre a inteligência ao longo da infância e adolescência têm sido o foco dos pesquisadores.

Embora haja grande demanda de estudos com idosos na contemporaneidade, no tocante à inteligência, apenas dois trabalhos foram voltados para essa população, um relativo a pacientes com a doença de Alzheimer (Wagner, Irigaray & Trentini, 2010) e outro, correlacionando testes de inteligência e memória (Gurgel & Sisto, 2010). Esses dados corroboram o já constatado por Rozestraten (2002) em relação à evolução dos estudos da inteligência nesta faixa etária.

Considerando os objetivos das pesquisas foram estabelecidas as seguintes categorias: estudos com amostras clínicas; com amostras específicas (como escolares com dificuldades de aprendizagem, por exemplo); a influência de fatores ambientais; e investigação das características psicométricas de um ou mais testes, incluindo a construção de novos instrumentos. A Tabela 2 apresenta a distribuição dos artigos segundo esta divisão e os testes investigados.

Tabela 2  
Distribuição de Frequência por Categoria de Estudo e Teste Usado

Categoria	n	%	Teste
Psicométricos	41	56,9	Bateria Woodcock-Johnson-III; BPR-5; Bateria de Provas de Raciocínio infantil (BPRI); BMI; CMMS; Conjunto de Inteligência fluída; DFH; G-36; R-1; R-1 - Forma B; R-2; RIn; SAC (Cognitive Assessment System); SON-R 2½-7; TCR; WAIS-III, WASI; WISC-III.
Amostra clínica	23	31,9	Beta-III; Raven; WAIS-III e WISC-III.
Amostra específica	5	7,0	Raven; TONI-3; WAIS-III e WISC-III.
Fatores ambientais	3	4,2	WISC -III e WISC-IV
Total	72	100	

Pode-se observar que a maioria dos trabalhos (56,9%) estudou as propriedades psicométricas dos testes de inteligência, resultado semelhante ao de Joly et al. (2010) e de Campos e Nakano (2012), que encontraram 60,3% e 51,7%, respectivamente, desse tipo de pesquisa. Essa predominância de estudos psicométricos está relacionada às exigências da Resolução 02/2003 do Conselho Federal de Psicologia, que regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização dos testes psicológicos no Brasil e mostra a necessidade de aprimorar os instrumentos e realizar revisões periódicas para garantir a qualidade técnica do instrumento (Alves, Dias, Sardinha & Conti, 2010), sendo assim, é necessário obter evidências empíricas de validade e fidedignidade, bem como de atualização das normas brasileiras. As investigações relativas à validade correlacionaram instrumentos que medem o mesmo construto, como por exemplo os

estudos de Chiodi e Wechsler (2009), Primi, Nakano e Wechsler (2012), Santos, Noronha e Sisto (2005), ou instrumentos que relacionam diferentes construtos em sua avaliação, como por exemplo, as pesquisas de Cecílio-Fernandes e Rueda (2007), Gurgel e Sisto (2010) e Nakano, Sampaio e Silva (2011). Ou, ainda, o uso de um único instrumento para constatação de sua validade em uma determinada amostra, a exemplo, Gomes (2010), Laros, Jesus e Karino (2013) e Schelini e Wechsler (2005).

Em alguns estudos, como o de Dapo, Dapo, Hadzialunetovic e Fako (2012), foram aplicados vários testes psicológicos: a Escala Geral do Teste de Raven (SPM), o Teste Equicultural de inteligência de Cattell, a Escala de Vocabulário Mill Hill, a Avaliação do Potencial de Aprendizagem (EPA-2) e o *Junior Eysenck Personality Questionnaire*. Os resultados foram consistentes com os

de outros estudos, nos quais relações moderadas entre traços de personalidade e inteligência têm sido estabelecidas. Também, para a construção de novos testes foram realizadas pesquisas empíricas para a verificação da eficácia de seu uso e de suas qualidades psicométricas.

Na categoria amostras clínicas predominaram as de crianças e adolescentes. Yacubian-Fernandes et al. (2007) avaliaram crianças com síndrome de Crouzon, já Lima, Salgado e Ciasca (2008), com dislexia, e Czermainski, Riesgo, Guimarães, Salles e Bosa (2014), com Transtorno do Espectro Autista. Nenhum dos artigos estudou apenas os adolescentes, pois as pesquisas com a população de jovens envolveram crianças e/ou adultos, como foi o caso de Oliveira et al. (2005), que avaliaram uma família com síndrome de Perisylyviana, com idades entre oito e 40 anos.

Em relação aos adultos, as amostras abrangeram os infectados pelo HIV-1 (Kalil, Alvarenga, Almeida & Morais-de-Sá, 2009), usuários de crack e cocaína (Ferreira & Colognese, 2014) e epilepsia (Noffs, Yazigi, Pascalicchio, Caboclo, & Yacubian, 2006 e Silva, Andrade & Oliveira, 2007). Quanto aos idosos, o foco foi a doença de Alzheimer (Wagner et al., 2010) e na relação entre inteligência e memória, embora a amostra tenha incluído pessoas entre 51 e 97 anos (Gurgel & Sisto, 2007).

As amostras específicas focalizaram crianças e adultos cegos (Nascimento & Flores-Mendonza, 2007), pessoas com síndrome de Down (Panacaro, Santos, & Suehiro, 2008, 2009), que não foram incluídas nas amostras clínicas e nos estudos psicométricos. Também foram estudadas crianças com baixa visão moderada (Cunha, Enumo, & Canal, 2011) e com necessidade de educação especial – NEE (Queiroz, Enumo, & Primi, 2013).

Por sua vez, nos estudos que privilegiaram as questões ambientais, incluindo os fatores culturais e sociais, destaca-se o artigo de Flores-Mendoza e Nascimento (2007), que compararam os resultados de testes de inteligência em crianças de zona rural e urbana. Enquanto Silva, Zaninotto, Lucia e Scaff (2012) compararam crianças de escolas pública e privada. Com o intuito de investigar apenas meninas de sete anos, também para comparar crianças de escolas públicas e privadas, Silva, Ferreira e Ciasca (2014) empregaram apenas três subtestes do WISC-IV.

Este artigo apresenta uma análise de 72 estudos empíricos da avaliação da inteligência nos últimos 10 anos, em relação aos testes de inteligência utilizados e ao tipo de amostra investigada, localizados com o auxílio de apenas duas bases de dados disponíveis na internet, que abrangeram somente pesquisas publicadas no Brasil, ainda que alguns tenham sido provenientes de autores de outros países. A tendência de utilização de escalas e testes de um único fator, assim como o predomínio da população infantil na maioria dos estudos, confirmam dados apontados em outras revisões sobre o tema.

Apesar de não ter sido o objetivo desse estudo, um aspecto observado na análise das publicações foi a falta de cuidado de alguns autores na descrição dos testes usados em suas pesquisas e a discrepância entre o teste indicado e as referências relativas a ele, bem como a utilização de testes psicológicos para uma população ou faixa etária que não estão de acordo com a que foi estudada no manual, sem uma justificativa clara do propósito de tal utilização. Ademais, foram encontradas publicações recentes que utilizaram versão de instrumentos anterior a 2003, ano da regulamentação do uso de testes psicológicos no Brasil, bem como testes ainda não publicados em nosso país. Outro fato constatado foi a presença de grande número de trabalhos na área médica, que usaram testes psicológicos e muitas vezes de forma inadequada.

Para a expansão do uso de um teste psicológico são necessárias muitas investigações com diferentes populações e faixas etárias, entretanto, cabe ao pesquisador informar o problema a ser investigado, descrever de forma clara os procedimentos usados na investigação, bem como apresentar os resultados e as análises realizadas. O fato, de serem encontrados estudos que não especificam esses dados, aponta a necessidade de um aprimoramento dos pesquisadores e de maior valorização dos estudos empíricos, assim como, de maior rigor dos pareceristas de periódicos científicos.

Espera-se que tais observações possam contribuir para a evolução da ciência e instigar novas pesquisas que avaliem a qualidade dos estudos empíricos publicados em periódicos eletrônicos. Bem como, que novos estudos de revisão sejam realizados para avaliar de forma crítica o que já foi publicado sobre a avaliação da inteligência.

## Referências

As referências assinaladas com um asterisco referem-se aos manuscritos utilizados na presente revisão.

- Almeida, L. S., Guisande, M. A., & Ferreira, A. (2009). *Inteligência: Perspectivas teóricas*. Coimbra: Almedina.
- Almeida, L. S., Lemos, P. G., Guisande, M. A., & Primi, R. (2008). Inteligência, escolarização e idade: normas por idade ou série escolar. *Avaliação Psicológica*, 7, 117-125.
- Almeida, L. S., & Primi, R. (2009). Considerações em torno da medida de inteligência. Em L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação psicológica* (pp. 387-410). Porto Alegre: Artmed.

- \*Almeida, L. S., Nascimento, E., Lima, A. O. F., Vasconcelos, A. G., Akama, C. T., & Santos, M. T. (2010). Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5): Estudo exploratório em alunos universitários. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 155-162.
- Alves, I. C. B. (2009). *R-1: Teste não verbal de inteligência: manual* (3a. ed. ampliada). São Paulo: Vetor.
- Alves, I. C. B., Dias, A. R., Sardinha, L. S., & Conti, F. D. (2010). Precisão entre juízes na avaliação dos aspectos formais do teste de Wartegg. *Aletheia*, 31, 54-65.
- Alves, I. C. B., Schelini, P. W., Nascimento, E., & Domingues, S. F. S. (2010). Avaliação intelectual infantil: panorama dos testes utilizados no Brasil. Em A. A. A. Santos, F. F. Sisto, E. Boruchovitch, & E. Nascimento, (Eds.), *Perspectivas em avaliação psicológica* (pp. 13-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- American Psychological Association [APA] (2012). *Manual de publicação da APA/American Psychological Association*. (D. Bueno; trad.; Nunes, M. L. T., rev. tec., 6ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- \*Araújo, J. M. G., & Figueiredo, V. L. M. (2013). Fidedignidade do WISC-III com base na concordância entre avaliadores. *Boletim de Psicologia*, 63(138), 1-10.
- \*Bandeira, D. R., Costa, A., & Artech, A. (2008). Estudo de validade do DFH como medida de desenvolvimento cognitivo infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 332-337. doi: 10.1590/S0102-7972200800020.
- \*Barbosa, A. C. C. B., Lukasova, K., Mecca, T. P., & Macedo, E. C. (2013). Intelligence assessment of deaf students with TONI-3. *Psico-USF*, 18(2), 183-192. doi: 10.1590/S1413000200002.
- Brody, N. (2000). History of theories and measurement of intelligence. Em R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of intelligence* (pp. 16-33). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Campos, C. R., & Nakano, T. C. (2012). Produção científica sobre avaliação da inteligência: o estado da arte. *Interação em Psicologia*, 16(2), 271-282.
- \*Campos, C. R., & Nakano, T. C. (2014). Avaliação da inteligência de crianças deficientes visuais: proposta de instrumento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(2), 406-419. doi: 10.1590/1982-3703000272013.
- \*Capovilla, A. G. S., Ferracini, F., Dias, N. M., Trevisan, B. T., & Montiel, J. (2007). Teste de nomeação de figuras: evidências de precisão e validade em crianças. *Psicologia em Pesquisa*, 1(2), 23-31.
- \*Cardoso, A. M. S., Silva, M. M., & Pereira, M. M. B. (2013). Consciência fonológica e a memória de trabalho de crianças com e sem dificuldades na alfabetização. *CoDAS*, 25(2), 110-114.
- Carroll, J. B. (1997). The three-stratum theory of cognitive abilities. Em D. P. Flanagan, J. L. Genshaft & P. L. Harrison (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: theories, tests and issues* (pp. 122-130). New York, NY: Guilford Press.
- \*Cecílio-Fernandes, D., & Rueda, F. J. M. (2007). Evidência de validade concorrente para o Teste de Atenção Concentrada (TEACO-FF). *PSIC – Revista de Psicologia da Vêtor Editora*, 8(2) 167-174.
- \*Chiodi, M. G., & Wechsler, S. M. (2009). Escala de Inteligência WISC-III e Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson-III: Comparação de instrumentos. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 313-324.
- \*Chiodi, M. G., & Wechsler, S. M. (2012). Estudo de validade convergente da Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson-III – Versão Ampliada. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 63-75.
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução CFP No 002/2003*. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Recuperado de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/03/resolucao2003\\_02\\_Anexo.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/03/resolucao2003_02_Anexo.pdf)
- \*Cruz-Rodrigues, C., Mecca, T. P., Oliveira, D. G., Ueki, K., Bueno, O. F. A., & Macedo, E. C. (2014). Perfis cognitivos de crianças e adolescentes com dislexia na WISC-III. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 17-35.
- \*Cruz, V. (2007). O Cognitive Assessment System como instrumento de avaliação psicológica. *Psic*, 8(1), 31-40.
- \*Cunha, A. C. B., Enumo, S. R. F., & Canal, C. P. P. (2011). Avaliação cognitiva psicométrica e assistida de crianças com baixa visão moderada. *Paidéia*, 21(48), 29-39.
- \*Czermainski, F. R., Riesgo, R. S., Guimarães, L. S. P., Salles, J. F., & Bosa, C. A. (2014). Executive functions in children and adolescents with autism spectrum disorder. *Paidéia*, 24(57), 85-94.
- Dapo, N., Dapo, J. K., Hadžiahmetović, N., & Fako, I. (2012). The relationship of Eysenck's giant three with fluid and crystallized intelligence and learning potential among adolescents. *Temas em Psicologia*, 20(1), 71-85.
- \*El Hajj, S. A., Bueno, V. F., Zaninotto, A. L. C., Lucia, M. C. S., & Scaff, M. (2014). Avaliação da velocidade de processamento em uma amostra de crianças 7 a 10 anos com e sem hipótese diagnóstica de TDAH. *Psicologia Hospitalar*, 12(1), 69-85.
- \*Espírito Santo, J. L., Portuguez, M. W., & Nunes, M. L. (2009). Status cognitivo-comportamental de prematuros de baixo peso ao nascimento em idade pré-escolar, que vivem em país em desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, 85(1), 35-41. doi: 10.1590/S0021-75572009000100007.
- \*Ferreira, V. K. L.; Ferreira, G. V. D.; Lima, J. M. B.; & Cruz, M. S. (2013). Desempenho intelectual na exposição alcoólica fetal: Relato de série de 10 casos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(3), 234-239. doi: 10.1590/S0047-20852013000300008.
- \*Ferreira, V. R. T., & Colognese, B. T. (2014). Prejuízos de funções executivas em usuários de cocaína e crack. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 195-201.
- \*Figueiredo, V. L. M., Mattos, V. L. D., Pasquali, L., & Freire, A.P. (2008). Propriedades psicométricas dos itens do teste WISC-III. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 585-592. doi: 10.1590/S1413-73722008000300020.
- \*Flores-Mendoza, C., Abad, F. J., Lelé, A. J., & Mansur-Alves, M. (2010). O que mede o Desenho da Figura Humana? Estudos de validade convergente e discriminante. *Boletim de Psicologia*, LX(132), 73-84.
- \*Flores-Mendoza, C. E., Mansur-Alves, M., Lelé, A. J., & Bandeira, D. R. (2007). Inexistência de diferenças de sexo no fator g (inteligência geral) e nas habilidades específicas em crianças de duas cidades brasileiras. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 20(3), 499-506. doi: 10.1590/S0102-79722007000300018.
- Flores-Mendoza, C. E., & Nascimento, E. (2001). Inteligência: o construto melhor investigado em Psicologia. *Boletim de Psicologia*, 51(14), 37-64.
- \*Flores-Mendoza, C.E., & Nascimento, E. (2007). Condição cognitiva de crianças de zona rural. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(1), 13-22. doi: 10.1590/S0103-166X2007000100002.
- \*Fonseca, A. L. M., Albernaz, E. P., Kaufmann, C. C., Neves, I. H., & Figueiredo, V. L. M. (2012). Impact of breastfeeding on the intelligence quotient of eight-year-old children. *Jornal de Pediatria*, 89(4), 346-353.

- Galton, F. (1886). Regression towards mediocrity in hereditary stature. *Journal of the Anthropological Institute Britain and Ireland*, 15, 246-263. Recuperado de: [www.galton.org/bib/JournalItem.aspx\\_action=view\\_id=157](http://www.galton.org/bib/JournalItem.aspx_action=view_id=157)
- \*Gomes, C. M. A. (2010). Avaliando a avaliação escolar: notas escolares e inteligência fluida. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 841-849. doi: 10.1590/S1413-73722010000400020.
- \*Gomes, C. M. A., & Golino, H. F. (2012). O que a inteligência prediz: diferenças individuais ou diferenças no desenvolvimento acadêmico? *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 126-139.
- \*Guilhoto, L. M. F. F., Fernandes, R. D. C., Pacheco, S. P., Ballester, D., & Gilio, A. E. (2009). Benign focal seizures of adolescence and neuropsychological findings in patients from community. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology*, 15(4), 184-191. doi: 10.1590/S1676-2692009000400009.
- \*Gurgel, M. G. A., & Sisto, F. F. (2010). Estudo correlacional entre inteligência e memória em idosos. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 163-172.
- \*Hein, J. M., Teixeira, M. C. T. V., Seabra, A. G., & Macedo, E. C. (2010). Avaliação da eficácia do software "Alfabetização Fônica" para alunos com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(1), 65-82.
- \*Horn, J. L., & Noll, J. (1997). Human cognitive capabilities: GF-Gc theory. Em D. P. Flanagan, J. L., Genshaft, & P. L. Harrison (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: Theories, tests and issues* (pp. 53-91). New York, NY: Guilford Press.
- Joly, M. C. R. A., Berberian, A. A., & Teixeira, T. C. (2010). Análise de teses e dissertações em avaliação psicológica disponíveis na BVS-PSI Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(1), 174-187.
- \*Joly, M. C. R. A., & Dias, A. S. (2012). Metacompreensão e inteligência: um estudo correlacional com estudantes do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia* (Natal), 17(1), 43-52. doi: 10.1590/S1413-294X2012000100006.
- \*Kalil, R. S., Alvarenga, R. M. P., Almeida, A. J., & Morais-de-Sá, C. A. (2009). Estudo dos transtornos cognitivos decorrentes da infecção pelo HIV-1. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 26(4), 465-473. doi: 10.1590/S0103-166X2009000400007.
- \*Lamônica, D. A. C., Silva, G. K., Furlan, R. H., Abramides, D. V. M., Vieira, G. H., Moretti-Ferreira, D., & Giacheti, C. M. (2012). Características clínicas, comportamentais, cognitivas e comunicativas na síndrome Smith-Magenis. *Revista CEFAC*, 14(6), 1226-1233. doi: 10.1590/S1516-18462011005000118.
- \*Laros, J. A., Jesus, G. R., & Karino, C. A. (2013). Validação brasileira do Teste Não-Verbal de Inteligência SON-R 2½-7[a]. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 233-242.
- \*Lima, R. F.; Salgado, C. A., & Ciasca, S. M. (2008). Desempenho neuropsicológico e fonoaudiólogo de crianças com dislexia do desenvolvimento. *Revista Psicopedagogia*, 25(78), 226-235.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1993). The intelligence of emotional intelligence. *Intelligence*, 17, 433-442.
- \*McGrew, K. S. (1997). Analysis of the major intelligence batteries according to a proposed comprehensive Gf-Gc framework. Em D. P. Flanagan, J. L. Genshaft, & P. L. Harrison (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: theories, tests, and issues* (pp. 151-179). Nova York: Guilford.
- \*Mecca, T. P., Antonio, D. A. M., Seabra, A. G., & Macedo, E. C. (2014). Parâmetros psicométricos da Escala Internacional de Inteligência Leiter-R para crianças pré-escolares. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 125-132.
- Mendes K. D. S., Silveira R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. (2008) *Têxto-contexto Enfermagem*, 17(4), 758-764.
- \*Mol, D. A. R., & Wechsler, S. M. (2008). Avaliação de crianças com indicação de dificuldades de aprendizagem pela Bateria Woodcock-Johnson III. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(2), 391-399.
- \*Nakano, T. C. (2012). Criatividade e inteligência em crianças: habilidades relacionadas? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 149-160. doi: 10.1590/S0102-3772212000200003.
- \*Nakano, T. C., & Brito, M. E. (2013). Avaliação da criatividade a partir do controle do nível de inteligência em uma amostra de crianças. *Temas em Psicologia*, 21(1), 1-15. doi: 10.9788/TP2013.1-01.
- \*Nakano, T. C., Sampaio, M. H. L., & Silva, A. B. (2011). Atenção e inteligência em candidatos à primeira Carteira Nacional de Habilitação. *Boletim de Psicologia*, LXI(134), 63-78.
- \*Nascimento, E., & Flores-Mendoza, C. E. (2007). WISC-III e WAIS-III na avaliação da inteligência de cegos. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 627-633. doi: 10.1590/S141-73722007000300020.
- \*Noffs, M. H. S., Yazigi, L., Pascalicchio, T. F., Caboclo, L. O., & Yacubian, E. M. T. (2006). Desempenho cognitivo de pacientes com epilepsia do lobo temporal e epilepsia mioclônica juvenil: avaliação por meio da Escala WAIS-III. *Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology*, 12(1), 7-12. doi: 10.1590/S1676-26492006000100003.
- \*Noronha, A. P. P., & Fernandes, D. C. (2007). Estresse laboral e raciocínio inferencial: um estudo correlacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 596-607. doi: 10.1590/S1414-98932007000400003.
- \*Nunes, C. H. S. S., Melzer, A. R. R. M., Rodrigues, G. T., Guisso, L. Sotili, M., Oliveira, C. M., Nunes, M. F. O., & Roettgers, C. (2012). Evidências de validade do Raven MPA pela sua relação com a prova de raciocínio abstrato. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 265-274.
- \*Ogusuko, M. T., Lukasova, K., & Macedo, E. C. (2008). Movimentos oculares na leitura de palavras isoladas por jovens e adultos em alfabetização. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 113-124.
- \*Oliveira, E. P. M., Guerreiro, M. M., Guimarães, C. A., Brandão-Almeida, I. L., Montenegro, M. A., Cendes, F., & Hage, S. R. V. (2005). Caracterização das manifestações linguísticas de uma família com Síndrome Perisylviana. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 17(3), 393-402. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-5687000300013>.
- \*Oliveira, E. P. M., Neri, M. L., Medeiros, L. L., Guimarães, C. A., & Guerreiro, M. M. (2010). Avaliação do desempenho escolar e praxias em crianças com epilepsia rolândica. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 2(3), 209-214. doi: 10.1590/S0104-56872010000300009;
- \*Orsati, F. T., Schwartzman, J. S., Brunoni, D., Mecca, T., & Macedo, E. C. (2008). Novas possibilidades na avaliação neuropsicológica dos transtornos invasivos do desenvolvimento: análise dos movimentos oculares. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 281-190.
- \*Pacanaro, S. V., Santos, A. A. A., & Suehiro, A. C. B. (2008). Avaliação das habilidades cognitivas e viso-motora em pessoas com Síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(2), 293-310.
- \*Pacanaro, S. V., Santos, A. A. A., & Suehiro, A. C. B. (2009). Evidências de validade do TONI-3 com pessoas com Síndrome de Down. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 107-116.
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de Psicologia*. (24ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \*Primi, R., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2012). Análise fatorial inter-baterias: Bateria de Habilidades de Raciocínio (BPR-5) e Bateria de Habilidades Cognitivas Woodcock-Johnson III. *Temas em Psicologia*, 20(1), 121-132.



- \*Queiroz, O. A., Enumo, S. R. F., & Primi, R. (2013). Desempenho de crianças com e sem necessidades especiais em provas assistidas e psicométricas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 19(3), 429-446.
- Raven, J. C., Court, I. H., & Raven, J. (1985). *Manual for Raven's Progressive Matrices and Vocabulary Scales. Section I. General overview*. London: H. K. Lewis & Co.
- Rozestraten, R. J. A. (2002). Evolução inicial dos estudos da inteligência do idoso: mitos e fatos. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 12(23), 149-162.
- \*Rosa, H. R. (2008). Validade do Desenho da Figura Humana na avaliação de Goodenough-Harris e nos indicadores maturacionais de Koppitz em crianças da cidade de São Paulo. *Boletim de Psicologia*, 58(128), 1-14.
- \*Rosa, H. R., & Alves, I. C. B. (2008). Precisão do Teste Goodenough-Harris em crianças. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 171-179.
- \*Rosa, H. R., & Alves, I. C. B. (2012). Relação do Teste de Bender (avaliação Koppitz) com o R 2: Teste Não Verbal de Inteligência para Crianças. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 153-167.
- \*Rueda, F. J. M. (2006). Memória e inteligência em avaliação psicológica pericial. *PSIC – Revista de Psicologia da Vêtor Editora*, 7(1), 59-68.
- \*Santos, A. A. A., Noronha, A. P. P., & Sisto, F. F. (2005). Teste de Inteligência R-1 Forma B e G-36: evidência de validade convergente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 10(2), 191-197 doi: 10.1590/S1413-294X2005000200005.
- Schelini, P. W. (2006). Teoria das inteligências fluida e cristalizada: início e evolução. *Estudos de Psicologia*, 11(3), 323-332.
- \*Schelini, P. W., & Wechsler, S. M. (2005). Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil: desenvolvimento de instrumento. *Psico-USF*, 10(2), 129-139.
- \*Schelini, P. W., & Wechsler, S. M. (2006). Estudo da estrutura fatorial da Bateria Multidimensional de Inteligência Infantil. *Estudos de Psicologia*, 23(2), 105-112.
- \*Silva, A. M., Gallego, E. T., & Teixeira, M. C. T. V. (2006). Habilidades intelectuais de crianças com câncer e crianças não portadoras da doença. *Avaliação Psicológica*, 5(1), 33-41.
- \*Silva, A. N. S., Andrade, V. M., & Oliveira, H. A. (2007). Avaliação neuropsicológica em portadores de epilepsia do lobo temporal. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 65(2b), 492-497. doi: 10.1590/S0004-282X2007000300025.
- \*Silva, G. B. A., Ferreira, T. L., & Ciasca, S. M. (2014). Evolução do desempenho da atenção e da memória operacional em crianças de escola pública e particular. *Revista Psicopedagogia*, 31(96), 254-262.
- \*Silva, G. B. A., Zaninotto, A. L. C., Lucia, M. C. S., & Scaff, M. (2012). Avaliação do desempenho da memória de curto prazo em crianças de escola pública e particular. *Psicologia Hospitalar*, 10(1), 80-94.
- \*Sisto, F. F., Santos, A. A. A., & Noronha, A. P. N. (2007). Estudo sobre a dimensionalidade do Teste R1 – Forma B. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 185-193.
- \*Soares, A. B. & Oliveira, M. B., (2011). Auto-eficácia, raciocínio verbal e desempenho escolar em estudantes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 33-39. doi: 10.1590/S0102-37722011000100005.
- \*Souza-Oliveira, C., Escosi-Rosset, S., Funayama, S. S., Terra, V. C., Machado, H. R., & Sakamoto, A.C. (2010). Funcionamento intelectual em pacientes pediátricos com epilepsia: comparação de crianças controladas com medicação, não controladas com medicação e controladas com cirurgia. *Jornal de Pediatria*, 86(5), 377-383. doi: 10.1590/S0021-75572010000500005.
- Spearman, C. (1904). General intelligence. *American Journal of Psychology*, 15, 201-293.
- Spearman, C. (1927). *Las habilidades del hombre: su naturaleza y medición*. Buenos Aires: Paidós.
- Sternberg, R. J., & Horvath, J. A. (1999). *Tácit knowledge in professional practice: Researcher and practitioner perspectives*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- \*Vendemiato, B. C., Santos, A. A. A., & Suehiro, A. C. B. (2008). Inteligência e maturidade viso-motora: estudo com adolescentes em situação de risco. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 439-447.
- \*Vidal, F. A. S., & Figueiredo, V. L. M. (2013). Estrutura fatorial do WISC-III em crianças com dificuldades de aprendizagem. *Psico-USF*, 18(1), 23-32.
- \*Wagner, G. P., Irigaray, T. Q., & Trentini, C. M., (2010). Habilidades intelectuais em pacientes com doença de Alzheimer: Contribuições da Escala Wechsler de Inteligência Abreviada (WASI). *Revista Neuropsicologia Latinoamericana*, 2(3), 28-36.
- \*Wagner, F., Pawlowski, J., Yates, D. B., Camey, S. A., & Trentini, C. M. (2010). Viabilidade da estimativa de QI a partir dos subtestes vocabulário e cubos da WAIS-III. *Psico-USF*, 15(2), 215-224. doi: 10.1590/S1413-82712010000200009.
- \*Wechsler, S. M., Nunes, M. F. O., Schelini, P. W., Ferreira, A. A. & Pereira, D. A. P. (2010). Criatividade e inteligência: analisando semelhanças e discrepâncias no desenvolvimento. *Estudos de Psicologia*, 15(3), 243-250.
- \*Wechsler, S. M., Vendramini, C. M. M., & Schelini, P. W. (2007). Adaptação brasileira dos testes verbais da Bateria Woodcock-Johnson-III. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41(3), 285-294.
- Witter, G. P. (1999). *Produção científica em Psicologia e Educação*. Campinas: Alínea.
- \*Yacubian-Fernandes, A., Ducati, L. G., Silva, M. V., Abramides, D. V. M., Perosa, G. B., Palhares, A., ... Zanini, S. A. (2007). Síndrome de Crouzon: fatores envolvidos no desenvolvimento neuropsicológico e na qualidade de vida. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 65(2-B), 467-471. doi: 10.1590/S0004-282X2007000300020.

recebido em outubro de 2015  
reformulado em julho de 2016  
aprovado em agosto de 2016

## Sobre os autores

**Irai Cristina Boccato Alves** é graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo, mestre e doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo.

**Helena Rinaldi Rosa** é graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo, mestre e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, e professora doutora em Avaliação Psicológica.

**Marlene Alves da Silva** é graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre e doutora em Psicologia com ênfase em Avaliação Psicológica pela Universidade São Francisco – Itatiba-SP.

**Luís Sérgio Sardinha** é graduado em Psicologia pela Universidade de Guarulhos (UnG), mestre em Educação pela Universidade presbiteriana Mackenzie (UPM) e doutor em Ciências pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).